

ACTO 1

Cena 1

*Entram separadamente um Poeta,
um Pintor, um Joalheiro e um Mercador*

POETA Bom dia, senhor.

PINTOR Folgo em ver-vos com saúde.

POETA Há muito que vos não via, como vai o mundo?

PINTOR Cresce e envelhece.

POETA Pois, já se sabe.
Mas que há digno de nota? Que há de estranho,
De que não rezem as crónicas? É teu poder,
Mágica generosidade, que chama aqui
Todos estes espíritos? Conheço o mercador.

PINTOR Conheço os dois; o outro é joalheiro.

MERCADOR Oh, mas que senhor tão digno!

JOALHEIRO Pois claro.

- MERCADOR Homem sem igual, dir-se-ia feito
Para uma virtude incansável e constante.
Sem rival. 10
- JOALHEIRO Trago uma jóia comigo.
- MERCADOR Oh, mostrai-ma, vos peço. Para o nobre Timão, senhor?
- JOALHEIRO Se ele chegar ao preço estimado. Mas quanto a isso...
- POETA Encarecer em proveito próprio o que é vil
Mancha a glória dos versos ditosos
Que, justos, cantam o bom.
- MERCADOR Bem modelada é ela.
- JOALHEIRO E rica. Vede-me só esta água.
- PINTOR Projecto vos agita, senhor, algum tributo
Ao ilustre fidalgo. 20
- POETA Coisa que me vem sem mais à mente.
Em nós a poesia é manto a desbotar
Por quem o tece. O fogo em pederneira
Não brota sem a pancada. Em nós
A benigna chama vem por si, qual torrente
A evitar barreiras hostis. Que trazeis aí?
- PINTOR Um quadro, senhor. Quando sai o vosso livro?
- POETA Assim que o der a imprimir, senhor.
Vejam os vossos quadros.
- PINTOR É uma bela peça. 30
- POETA Certamente. Saiu mesmo um primor.

PINTOR Aceitável.

POETA Admirável! Como a galhardia
Faz justiça à sua condição! Que espírito
Emana dos seus olhos! Que visão fecunda
Vive nos seus lábios! É como se falasse
No mutismo do seu gesto.

PINTOR Uma bela imitação da vida.
Vede aqui o traço. É bom?

POETA Dele direi apenas
Que ensina a natureza; labor no artifício
Vive aqui, em traços mais vivos que a própria vida. 40

Entram alguns Senadores [e cruzam o palco]

PINTOR Mas que séquito é o deste lorde!

POETA Os senadores de Atenas, os felizardos!

PINTOR Olhai, vêm aí mais!

POETA Vedes a multidão e a maré de visitantes.
Nesta modesta obra representei um homem
Que este mundo inferior cinge com ternura
Em abraço acolhedor. O meu génio livre
Não se detém em pormenores, prefere rumar
No vasto mar da criação; baixa malícia
Não afecta uma vírgula do meu curso, 50
Que se ergue em voo de águia, afoito e a prumo,
Sem deixar rasto.

PINTOR Como deverei entender o que dizeis?

POETA Passarei a explicar-vos.
Vedes como gente de todas as classes e credos,

Criaturas sinuosas e evasivas como
As de índole grave e austera, oferecem
Seus préstimos ao Lorde Timão. Os tesouros
Que lhe vestem a natureza boa e generosa
Cativam, ganham de todos afeição e serviço 60
Pois, desde o adulator de rosto liso como espelho
Até Apemanto, que a poucas coisas no mundo prefere
Que abjurar de si mesmo, não deixa também
De ajoelhar diante dele e retirar-se em paz
Feliz por merecer um simples gesto de Timão.

PINTOR Vi-os juntos a conversar.

POETA Senhor, imitei já a entronização da Fortuna
No cimo de colina elevada e aprazível.
Na base apinha-se gente de valor diverso
Que labuta à face deste nosso mundo 70
Para elevar-se na sua condição. De entre ela,
Com os olhos postos nesta augusta dama,
Pinto figura em tudo semelhante a Timão,
A que a Fortuna acena com a sua mão alva
E com tal favor torna escravos e cativos
Os rivais ali presentes.

PINTOR Está bem pensado.
Esse trono, essa Fortuna e esse monte, creio,
Com um homem escolhido lá em baixo entre os demais,
Que se dobra para a frente pela escarpa acima
Para escalar a felicidade, bem ilustra 80
A nossa arte.

POETA Ora, senhor, continuai a ouvir-me:
Todos os que ainda há bem pouco o acompanhavam,
Alguns melhores do que ele, seguem-lhe para já
As passadas, são a comitiva que lhe enche a casa,
Derramam-lhe nos ouvidos o preito da adoração,
Chegam a venerar-lhe o estribo e a ele devem
O próprio ar que respiram.

PINTOR Pois bem, e daí?

POETA Quando a Fortuna em suas voltas e caprichos
Rejeita o seu valido mais recente, o séquito
Que com ele trilhou a subida até ao cume, 90
Até de gatas a arrastar-se, deixa-o tombar
E ninguém o vai acompanhar na queda.

PINTOR Acontece muitas vezes:
Podia mostrar mil quadros alegóricos
Mais ricos que as palavras para ilustrar
As voltas bruscas da Fortuna. Mas fazeis bem
Em mostrar ao Lorde Timão que o olhar do vulgo
Já viu o pé acima da cerviz.

Soam trombetas.

*Entra o Lorde Timão, que se dirige cortesmente aos seguidores
[Mensageiro de Ventídio; seguem-no Lucílio e outros Criados]*

TIMÃO Está preso, é o que dizeis?

MENSAGEIRO Sim, meu bom senhor, deve cinco talentos, 100
Tem magros haveres e credores implacáveis.
Vem rogar a Vossa Honra a mercê de uma carta
A quem o mandou prender, na falta dela
Perde a esperança.

TIMÃO Nobre Ventídio! Bem,
Não sou da raça dos que se esquivam
Ao amigo em necessidade. Tenho-o
Por um cavalheiro que bem merece ajuda,
Vai tê-la. Pago a dívida e ele será livre.

MENSAGEIRO Fazeis dele vosso cativo para sempre.

TIMÃO A ele me recomendai; mando-lhe o resgate 110
E logo que esteja a salvo que venha ter comigo;